

ARTE NA ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Martha **Prata-Linhares** – UNIUBE

Agência Financiadora: CAPES

Introdução

Durante anos nós educadores nos preocupamos demasiadamente no que ensinar e em como ensinar. O verbo que conduzia a prática docente era o “ensinar”, que estava associado a transmitir conhecimento. Nesse início de século, como nos assegura Valente (2001, p.10), aprender tem ocupado cada vez mais um lugar de destaque e apontado a premente necessidade de se questionar e mudar certos pressupostos que fundamentam a educação atual. Estamos passando por uma transformação em que o conhecimento e a aprendizagem estão sendo cada vez mais valorizados. Autores como Freire (2000) Pozo (2002), Sullivan (2004), e Masetto (2002), dentre outros, têm abordado a questão da aprendizagem ser o princípio norteador do ensino. Freire (ibid, p.24) tece comentários a esse respeito, salientando que o aprender precedeu o ensinar:

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante do aprender. Não resisto em dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.

Além do “aprender” estar ocupando cada vez mais um lugar de destaque não podemos nos esquecer de outro fator que também tem mudado os pressupostos que fundamentam a educação e por consequência os rumos dos programas e currículos de formação de professores: as novas tecnologias de informação e comunicação, as TICs. Cada vez mais presentes nas diversas áreas de formação e atualização profissional, nos indica que a educação já não pode mais funcionar sem se articular com dinâmicas mais amplas que extrapolam a sala de aula entre quatro paredes. O computador, a Internet e as novas tecnologias em geral, permitem acelerar e conectar informações, atividades e pessoas, assim como possibilitam o fácil acesso a diferentes formas de expressão. Porém, as tecnologias sem a educação, conhecimentos e sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento, levam-nos apenas a fazer mais rápido e em maior escala os mesmos enganos.

Com as novas tecnologias digitais um novo espaço de aprendizagem está se abrindo para alunos e professores, mas como nos coloca Masetto (2003, p. 83) é preciso cuidar desse novo ambiente:

Ficou evidente o quanto valorizo a aula como ambiente de aprendizagem, mas ao mesmo tempo o quanto julgo necessário sugerir que seja modificada e alterada para que venha a se tornar efetivamente ambiente inovador na vida dos participantes de um processo de aprendizagem, espaço para o surgimento de novas mediações pedagógicas, de possibilidades de encontros, descobertas, rupturas, revisão de valores, aquisição de competências para o exercício de uma profissão de modo competente e cidadão.

A educação presencial e a distância estão sendo fortemente modificadas e todos nós, organizações, professores e alunos, somos desafiados a encontrar novos modelos e propostas para novas situações. Ensinar e aprender, hoje, não se limita mais ao trabalho dentro da sala de aula assim como não se limita somente às formas de expressão oral e escrita. Implica modificar o que fazemos dentro e fora das salas de aula, usar linguagens diferentes, no presencial e no virtual, organizar ações de pesquisa e de comunicação que possibilitem proporcionar e continuar a aprendizagem também em ambientes digitais, acessando páginas na Internet, pesquisando textos, vídeos, imagens, áudios, recebendo e enviando novas mensagens, discutindo questões em fóruns ou em salas de aula virtuais, divulgando pesquisas e projetos. Nesse enfoque, constituímos a sala de aula sem limitações de espaços físicos, os grupos empregando diversos ambientes de aprendizagem, virtuais e presenciais.

Nesse contexto a formação de professores ganha novas formas, novas preocupações. Mas de nada adianta falarmos em focar o aprender e a sociedade em rede nos currículos de formação dos professores, se também não salientarmos a necessidade de que as instituições de formação sejam providas de consciência social e de uma abordagem mais crítica.

Ao se pensar em currículo e formação de professor há que se levar em conta uma atitude crítica do docente, que deverá sempre interrogar as crenças com que vivemos no mundo da educação que nos é dado. Essa educação está em consonância com o mundo em que vivemos? Falamos de uma educação em devir ou daquela

preconcebida em uma grade fechada, limitada por parâmetros desconexos de nossa realidade? Que ato educativo é esse que praticamos? Essa educação estará dirigida a quem? Enfim: quais são as concepções que verdadeiramente norteiam, dão sentido e constituem o ato de educar?

Sem diálogo com as ciências, com a filosofia, com a arte, o professor não poderá responder a essas questões. Portanto, num currículo hermeticamente fechado, com disciplinas organizadas hierarquicamente, ou sobrepostas como se fossem armários ou gavetas, esse diálogo soará muito mais como um monólogo.

Arte: uma maneira de conhecer e aprender

As diferentes formas de expressão humana, as artes, suas implicações e significados na formação dos professores devem ser enfocadas nessa busca de aprendizagem, bem como a sua importância como elemento facilitador da interação e integração no processo de construção dos diferentes conhecimentos.

Pesquisas como de Upitis e Smithrim (2002) no Canadá, Eisner (2002, 2004) nos EUA a desenvolvida por Prata-Linhares (2003), assim como as pesquisas de doutorado de Coutinho (2006), Ostetto (2006), Amaral (2006), Peixoto (2006) e Braga (2006) têm mostrado como a arte, em programas de formação de professores do ensino fundamental, pode contribuir para o processo de aprendizagem e para o desenvolvimento dos professores envolvidos.

Muitos autores também têm reafirmado as contribuições da arte em caráter pessoal e profissional. Essa literatura é muitas vezes filosófica, outras teóricas, e em outros casos são pesquisas já realizadas ou ainda em andamento. Pesquisas como de Upitis e Smithrim (2001, 2007) e Pattenson (2005) no Canadá, Eisner (2002), Csikszentmihalyi (1996), Gardner (1999) e Oreck (2006) nos EUA, Hernandez (2000) na Espanha, têm mostrado resultados significativos e estimulantes da importância da arte na vida e na aprendizagem das pessoas.

Mas pouco se fala em artes na formação de docentes universitários. Também se fala muito em “ensinar” e menos em “aprender”. Há uma necessidade de mudança de atitude do professor universitário do enfoque “ensinar” para o “aprender transformador” e pensamos que a arte tem potencial para trazer contribuições para a formação desse professor universitário

Uma das possibilidades da arte é proporcionar o engajamento de adultos na

exploração imaginativa de si próprios e nas relações com seus universos. Para a compreensão do desconhecido a imaginação é central. É uma das maneiras de examinarmos interpretações, alternativas de nossas experiências, tentando outro ponto de vista. Quanto mais reflexivos e abertos formos para o ponto de vista dos outros, mais rica será nossa imaginação para compreender contextos alternativos.

Efland (in Barbosa, 2005 , p.341) explica que o termo imaginação para a maioria das pessoas tem pouca ou nenhuma correspondência com o mundo das ocorrências comuns e que essas crenças são remanescências do romantismo do século XIX. Apesar da imaginação não se limitar ao campo das artes, é na arte que a imaginação torna-se, ou deveria tornar-se, o principal objeto de estudo:

Permita-me enfatizar, mais uma vez, que a arte é o lugar em que as construções da imaginação deveriam tornar-se o principal objeto de estudo. A imaginação é necessária para entender que a imagem visual ou a expressão verbal não são literais, mas sim incorporações e significados a serem percebidos de outra perspectiva. É somente na arte que a imaginação é encontrada e explorada em completa consciência -, em que esta se torna o objeto do inquerimento. (EFLAND, in Barbosa, 2005, p.342)

A linguagem da arte foi usada pelo ser humano antes da linguagem escrita. A Arte foi a forma de expressão usada pelo homem pré-histórico para interpretar o mundo em que vivia. Desde a época em que os artistas pré-históricos através de pinturas nas cavernas criaram suas obras, como explica Martins, Piscoque e Guerra (1998, p. 36), manifestavam-se a vocação inventiva do homem e da sua mente criadora para interpretar a realidade. O desejo de compreender e apropriar-se da realidade levava o homem às tentativas de interpretação através da capacidade mental de simbolizar no momento do fazer artístico. Ao mesmo tempo, a imaginação desempenhava um papel importante na interpretação dessas pinturas tanto naquela época, como hoje em dia.

Para Efland (ibid, p 341) o ponto e o propósito para se ter artes na educação é aprofundar o campo da imaginação e do papel que pode ter na criação de significados pessoais e na transmissão de cultura.

Pensamos ser fundamental potencializar a capacidade cognitiva dos indivíduos pelo uso da imaginação. Podemos fazer isso em praticamente todas as áreas de conhecimento, mas principalmente nas artes. A imaginação é uma maneira de explorar

novas possibilidades, nos libera do literal. Entendemos cognição da maneira conceituada por Ana Mae Barbosa (2005, p.12), como todo o processo pelo qual o organismo torna-se consciente de seu meio ambiente.

A inclusão da arte na formação de professores é importante, dentre outros motivos, porque tem o potencial de equipar os indivíduos com ferramentas para questionar e desenhar seu mundo, sua realidade. O compositor Gilberto Gil, na letra de sua música *Metáfora* (1981), de forma poética exemplifica o que estamos afirmando ao dizer que uma lata existe para conter algo, mas quando o poeta diz: “lata” pode estar querendo dizer o incontível. Nesse processo de aprendizagem, as ferramentas ou estratégias cognitivas envolvidas incluem a imaginação como uma função que esquematiza e a metáfora como uma extensão da imaginação. Assim, a metáfora desempenharia um papel de dar significado à construção do mundo do aprendiz.

A projeção metafórica é o meio pelo qual o pensamento abstrato aparece e ela é encontrada em todas as áreas de conhecimento, mas principalmente na arte. As metáforas estabelecem conexões entre objetos e eventos aparentemente não relacionados.

O objeto artístico, a arte, é ele próprio uma metáfora. Na leitura da obra de arte ou no ato do fazer artístico, atribuímos um sentido que reproduz significações em nós. Sendo o objeto de arte uma metáfora não traz uma resposta e sim provoca no aprendiz mais perguntas fazendo com que tiremos do objeto diferentes e novos significados. A metáfora permite-nos construir ligações dando-nos oportunidades de entender e estruturar o conhecimento em diferentes domínios, estabelecendo conexões entre coisas aparentemente não relacionadas.

Eisner (2002, p. 9) ressalta as funções cognitivas da arte, afirmando que ela inclui as mais sofisticadas formas de soluções de problemas imagináveis através dos mais nobres vôos da imaginação¹. Ao refinar os sentidos e alargar a imaginação a arte potencializa a cognição e nos auxilia a aprender a notar o mundo. O artista plástico Amílcar de Castro, por exemplo, através de suas esculturas nos proporciona um questionamento e uma reformulação dos conceitos de leveza, ausência, presença, oferecendo-nos uma nova maneira de ver a sombra e a luz, de ver que o ferro pode ser leve e que a ausência, a falta, também forma formas. A arte nos dá a condição de

¹ Tradução da autora da frase: “(...) It includes the most sophisticated forms of problem-solving imaginable through the loftiest flights of the imagination.”

tomarmos consciência do mundo ao nosso redor, nos proporciona uma maneira de aprender e conhecer.

Eisner aborda a renovação do próprio eu no processo de aprendizagem. Não é essa renovação, não é justamente essa aprendizagem, que agora precisamos e buscamos nos programas de formação de professores do ensino superior?

Lembrando os pensamentos de Robert e Michele Root-Berstein (1999), um dos grandes desafios da educação moderna é integrar a poesia e a física, a arte e a química, a música e a biologia, a dança e a sociologia. Quaisquer outras possíveis combinações do conhecimento estético e analítico podem estimular as pessoas a sentir o que querem saber e a saber o que querem sentir. Nenhum dos grandes problemas mundiais pode ser enfrentado de maneira eficiente somente pela análise, pela emoção ou pela tradição. O futuro dependerá de nossa habilidade para criar um entendimento sintetizado, com a integração de todos os meios de conhecimento.

Foi pensando nestas colocações que desenvolvemos uma pesquisa investigando as possíveis contribuições da inclusão da arte no currículo de um curso de especialização em Docência Universitária. Procurávamos respostas para a pergunta: como a arte pode contribuir para a formação pedagógica de professores do ensino superior?

Metodologia

A abordagem da pesquisa foi qualitativa e os documentos analisados compreenderam registros de encontros presenciais e registros postados no ambiente de aprendizagem virtual usado durante o curso, o Teleduc².

A partir da observação participante de um curso de especialização em Docência Universitária, acompanhamos sete cursistas. Foi um trabalho de campo, com uma equipe de professores universitários de uma universidade particular, que iniciou seu percurso na criação do currículo do curso, seguido de sua implantação e acompanhamento. Os dados foram obtidos e acompanhados durante os quatro anos de existência do curso, em quatro turmas.

² O TelEduc é um ambiente para a criação, participação e administração de cursos na Web (rede mundial de computadores). Foi desenvolvido por pesquisadores do NIED (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Unicamp. É um software livre, podendo ser redistribuído ou modificado de acordo com os termos da GNU General Public Licence.

Optamos por uma abordagem do tipo etnográfica. Porém, nessa pesquisa houve um desafio metodológico na abordagem do tipo etnográfica, pois parte essencial da investigação do objeto de estudo e campo de trabalho estava no ambiente virtual. Assim, nos aproximamos de uma nova forma de conceber a etnografia, a etnografia virtual.

O enfoque do tipo etnográfico na internet foi desenvolvido como uma resposta à necessidade de estudar comunidades em que o uso de comunicações eletrônicas era uma rotina. Hine (1994) afirma também não se tratar de um novo método que deve ocupar o antigo, mas sim uma maneira de trazer suposições baseadas na etnografia com características que estão presentes nas tecnologias. Pretende-se assim desenvolver maneiras de estudar não somente como as pessoas usam a internet, mas, sobretudo as práticas que fazem com que o uso da internet ganhe sentidos em contextos e locais distintos.

Muitas vezes quando pensamos em on-line e off-line, computador/internet e o espaço físico da sala de aula, por exemplo, pensamos em dois mundos: um mundo on-line, que é aquele criado pela interação entre as pessoas, de forma virtual e a partir da mídia digital; um mundo off-line, criado pela interação das pessoas sem a mídia digital, sem a internet. No mundo off-line as pessoas interagem face a face e no outro interagem a partir do computador, via internet. Porém, aqui nessa investigação não se está separando os “dois mundos”. Não importa se os indivíduos estão em suas casas a quilômetros de distância um do outro, ou se estão em um mesmo espaço físico de sala de aula, o que importa são as relações que estão sendo feitas através da interação entre os mesmos, e os caminhos percorridos por eles.

Assim, como o objetivo geral da pesquisa foi investigar como a arte, em um curso de especialização em docência universitária, contribuiu para a formação dos professores/cursistas³, o olhar voltou-se tanto para as vivências com arte na sala de aula física com os professores/cursistas face a face, quanto para as vivências na sala de aula virtual. Percebeu-se que o virtual e não virtual se entrelaçaram, que um modificou o outro e o processo se tornou único, deixando de ser importante se era virtual ou presencial.

³ Usaremos a expressão professores/cursistas para falar dos professores que participaram do curso de Docência Universitária.

Muito de nossa pesquisa foi realizada on-line, envolvendo a duração dos cursos, com coleta e análise de dados do Teleduc. Também houve coleta e análises de dados face a face. Assim, a intenção foi reunir tudo em um quadro maior mostrando como a arte contribui para a formação do professor universitário.

Vendo e Fazendo Artes no Curso de Docência Universitária

Desde a criação da primeira turma do nosso curso de especialização em Docência Universitária em 2003, temos proporcionado um envolvimento dos nossos cursistas com a arte. Isso tem sido feito através de oficinas de criação e expressão, experiências com mediação de obras de arte em galerias de arte ou com o uso de imagens e filmes. Temos feito isso tanto em ambientes presenciais como no ambiente de aprendizagem virtual. Usamos também a arte como texto visual.

Entendemos arte como um fazer que utiliza variadas e diferentes matérias como o barro, a tinta, o papel, o concreto, o ferro, a voz humana, o corpo humano, sons da natureza e sons artificiais, o vídeo, a fotografia, o computador e muitos outros. O limite das técnicas e do material utilizado está no limite da criação humana.

É através da imaginação, da percepção do homem de mundo, de suas experiências e conhecimentos que ele dá forma às suas idéias, produz, cria cultura e cria arte.

O conceito de arte está relacionado à experiência cognitiva. Segundo Eisner (ibid, p.3) a arte faz o trabalho de potencializar a cognição refinando os sentidos e alargando a imaginação. Trabalhar com as artes não é somente uma forma de criar apresentações ou produtos, é uma maneira de criar nossas vidas expandindo nossas consciências, dar forma as nossas características, satisfazer nossas buscas pelos sentidos, estabelecer contato com outros e compartilhar cultura.

Barbosa (ibid, p.100) ressalta sobre os processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, re-elaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência do mundo cotidiano.

Para o exercício do ver e fazer arte, em vários momentos do curso de especialização propomos aos nossos professores/cursistas o contato e vivências com a arte.

Além de trazer a arte através de gravuras ou no uso das novas tecnologias de informação e comunicação, fomos a Galeria de Arte da Fundação Cultural da cidade onde se realizava o curso, visitamos o Museu de Arte Decorativa e apreciamos uma escultura do Amílcar de Castro in loco.

As novas tecnologias de informação e comunicação têm nos proporcionado trazer a arte para dentro das salas de aula. Porém, ainda nada se compara a ver um show, teatro ou uma pintura, por exemplo, ao vivo. Martins et all (ibid., p. 78) ressalta que ainda é na freqüência aos locais onde temos acesso à arte ao vivo é que podemos estabelecer relações mais intensas com a obra de arte:

Ainda é na freqüência de museus, galerias, salas de concerto e espetáculos que podemos estabelecer relações mais intensas com a obra, seja pelo nosso olhar capaz de ver proporções, texturas, formas e cores que são roubadas nas reproduções ou no ato de girar em torno da obra para captar toda a sua tridimensionalidade, seja pelo nosso ouvir ao vivo o som da voz que canta ou de instrumentos musicais ou, ainda, de nossa percepção direta da gestualidade de atores ou bailarinos no palco.”

Ao trazer a arte para os professores/cursistas ou leva-los até elas, a intenção foi aproximar a arte dos docentes, experimentar novas formas de ver e explorar as possibilidades que um objeto artístico proporciona: provocar perguntas e estruturar o conhecimento em diferentes domínios, estabelecer conexões entre objetos e eventos aparentemente não relacionados,

Convidar e propor a leitura de obras de arte é mediar, dar acesso, instigar o contato mais sensível e aberto acolhendo o pensar/sentir do fruidor, ampliando sua possibilidade de produzir sentido. É um processo de recriação interna como fala Martins (ibid). Foi com esse sentido que as aulas de arte foram planejadas.

Algumas vezes, depois das atividades desenvolvidas solicitamos aos professores/cursistas que refletissem, no ambiente virtual, sobre essas atividades.

Uma das professoras/cursistas, ao estabelecer relações entre arte e docência

incluiu em sua reflexão a pintura “Clarividência” de Magritte e usou a arte como forma de expressão para falar da docência. A pintura de Magritte “fala” o que palavras não conseguem dizer. A arte auxilia-a a expressar o que para ela significa ser docente. Ao mesmo tempo ela procura fazer relações, conforme podemos ler em suas palavras:

“Ao olharmos esta pintura podemos refletir sobre o ontem, o hoje e o amanhã de cada um de nossos educandos, no que eles podem se transformar através do desenvolvimento de suas habilidades, na nossa responsabilidade como educadores e do quanto podemos fazer, e do quanto ainda há por fazer”.

Ao ler as reflexões dessa professora/cursista nos reportamos a Einsner (2004, p.7), que faz referências às metáforas ao dizer o que a arte pode ensinar para a educação. A relação forma-conteúdo seria, de acordo com o autor, uma das lições a serem ensinadas pela arte para a educação. Nem tudo que sabemos ou conhecemos pode ser articulado em formas propostas. Nosso conhecimento é geralmente muito maior que nossa capacidade de expressá-lo e não podemos definir o limite de nosso potencial cognitivo pelo limite de nossa linguagem. Estamos acostumados a sempre valorizar palavras para expressar e afirmar o que sabemos, quase tudo necessita de uma afirmação. Mas nem sempre isso é possível. A necessidade de afirmação nos parece ser uma necessidade de precisar garantias para o que sabemos. Como questiona Einsner (ibid, p. 7), “será que no caso de não termos uma afirmativa quer dizer que não sabemos?”. A resposta vem em Michael Polanyi (1967) que ao abordar sobre conhecimento tácito fala-nos que sabemos mais do que podemos dizer.

Outro professor/cursista ao refletir sobre o tema arte e docência, ao final do texto, coloca uma imagem de uma casa do arquiteto Frank Lloyd Wright e outra do “Mictório” de Marcel Duchamp com o texto:

“Como entender a arte na docência, e principalmente no ensino superior? Pensando sobre isso, logo me lembrei dos conceitos de inteligências múltiplas. Usar a arte como recurso para a aprendizagem é um desafio. Desenvolver no professor os conceitos de arte, o seu interesse pela arte é desafiá-lo. O professor, o artista. A docência, a arte. Descobrir leituras, desenvolver potenciais. Ver sob novos prismas, novos pontos de vista. Fazer diferente. Integrar habilidades, competências. Unir expressão com compreensão, conceitual com científico, pensar com fazer, sentimento com pensamento. Unir arte com docência. Docência com arte é usar todo o potencial de si, do aluno, do meio para formar a Pessoa. É acreditar em si, nos outros e criar. Quadros sem nome

que se nomeiam, sem assinatura do autor, como em nossa visita à galeria de arte com quadros e esculturas que não continham mais que a si mesmas, e nem por isso estavam órfãs. Puderam ser apreciadas, decifradas. O desafio da arte é o mesmo da docência, é ir além.”

Como podemos perceber o professor/cursista faz analogias com a arte e a docência. Fala no professor como artista e da docência como arte. Para ele o importante é trazer a arte para o exercício da docência, é o saber ver, o descobrir, o desenvolver novos prismas, novos pontos de vista e como ele mesmo disse ir além. Usa também a palavra “*decifrar*” quando se refere às obras de arte da galeria que “... *puderam ser decifradas*” e ao lermos o que ele diz com relação à docência com arte, “Docência com arte é usar todo o potencial de si, do aluno, do meio para formar a Pessoa.” Fica claro que para ele na docência com arte o professor usa todo seu potencial e o do aluno e também aproveita o potencial do ambiente, que ele chama de “meio”.

Vários outros depoimentos também fizeram referências ao desenvolvimento do potencial do docente e à possibilidade de se expressar melhor no exercício da arte. Assinalam também que a arte torna as pessoas mais capazes para perceber modificações no meio ambiente e experimentar sentimentos. Relembramos aqui o conceito de cognição citado anteriormente como todo o processo pelo qual o organismo torna-se consciente de seu meio ambiente. Desse modo podemos dizer que possivelmente por ter vivenciado a aula onde puderam experimentar vários olhares para a arte, em seus depoimentos posteriores à aula os professores/cursistas refere-se a arte como uma maneira de potencializar a capacidade cognitiva dos indivíduos.

Em outros depoimentos encontramos as palavras “*imaginação*”, “*interpretação*” e a frase “*trabalha com os diferentes e as diferenças provocando transformações e mudanças de pensamentos e atitudes*” que nos reporta ao processo de uma aprendizagem transformativa de Mezirow.

Aprendizagem transformativa

Independente do que os professores estejam engajados e do que estejam aprendendo durante sua formação continuada, seja ela em cursos, oficinas ou em encontros, enfrentamos os desafios da aprendizagem. Os formadores sempre têm

propostas e objetivos. Os caminhos e distâncias entre as propostas e os desejos, além de serem extensos não são óbvios. Os professores procuram desenvolver novas habilidades, encontrar novas informações, construir novos conhecimentos e melhorar sua prática.

Os professores/cursistas trazem uma enorme bagagem, com uma longa história acadêmica, tanto como professores como enquanto alunos, e experiências de vida. São frequentes os depoimentos em que expressam que suas experiências os levaram a refletir sobre a docência e a querer mudar:

“Depois de ser universitária durante 5 anos e meio tive a vontade de me tornar professora universitária. Percebi que muitos professores possuem conhecimento, mas não possuem didática e às vezes se importavam apenas em passar o cronograma planejado e não realmente atingir o resultado necessário no que se refere ao conhecimento passado ao aluno. Pude notar também que por falta da prática pedagógica as aulas se tornavam cansativas e improdutivas, trazendo um desinteresse geral da turma e conseqüentemente a falta de absorção de conhecimento.”

Assim, somente trazer novas informações e conteúdos para os programas de formação de professores não é suficiente para garantir a aprendizagem dos mesmos. Muitas vezes é necessária uma verdadeira transformação dos conhecimentos dos professores para que haja um desenvolvimento profissional docente.

Tardiff (2001 p 35) chama-nos a atenção para o fato que muitas vezes o sentido do saber dos docentes não é claro e questiona até que ponto os professores desenvolvem ou produzem verdadeiros “saberes” saídos de suas práticas:

Os praticantes do ensino desenvolvem e/ou produzem verdadeiramente “saberes” saídos de sua prática? Se sim, porque, quando, como, sob que forma? Trata-se realmente de “saberes”? Não serão mais propriamente crenças, certezas não fundamentadas, ou habitus no sentido de Bourdieu, esquemas de ação e de pensamento interiorizados no quadro de socialização profissional, por exemplo, da história escolar ou até familiar dos docentes?

Tardiff (ibidem) continua seu questionamento interrogando-nos a respeito de que fazer dos “conhecimentos implícitos, dos saberes processuais, automatismo e rotinas que não atingem a consciência dos atores, mas orientam a sua ação?”.

Como podemos perceber, a formação de professores é um campo complexo que sugere muitas indagações e se relaciona com o desenvolvimento pessoal e profissional.

A aprendizagem com uma perspectiva de transformação de sentidos e significados que damos ao que sabemos, que nos faz pensar criticamente, validar e agir nas nossas (e na dos outros) crenças, interpretações, valores, sentimentos e maneiras de pensar é o que procuramos alcançar nos programas de formação de docentes. Chamamos essa aprendizagem de aprendizagem transformativa (MEZIROW, 1991). Observamos na nossa pesquisa que a arte é um elemento que favorece a aprendizagem transformativa.

Passados três anos da finalização de uma das turmas do curso de especialização em Docência Universitária, perguntamos por *e-mail* para oito professores/cursistas se teria alguma aula ou detalhe específico do curso Docência Universitária que os tivesse marcado mais e recebemos duas respostas. Uma das respostas para a aula que mais havia marcado: a aula da ida à exposição de artes e a aula em que exploramos a escultura do Amílcar de Castro.

Da aula da exposição, o que havia marcado o professor/cursista era a diferença entre os pontos de vista dos professores/cursistas participantes e como após as reflexões cada ponto de vista ficou interessante. Mencionou também que a experiência resultou em uma maior autonomia por parte dele para usar a arte sem medo:

“Eu sempre me lembro da visita à exposição de arte. Tivemos vários momentos, mas o tempo de expor o que cada um havia descoberto ainda está claro na memória. Descobrimos que cada ponto de vista era interessante, o que parecia sem importância para uns foi motivo de reflexão para outros. A liberdade para sentir a arte me deu mais autonomia para utilizá-la sem tanto medo.”

As palavras do professor/cursista: *“descobrimos que cada ponto de vista era interessante”*, nos reporta a capacidade da arte de potencializar a cognição e auxiliar a ver o mundo. Ao expressar um aumento de autonomia para o uso da arte podemos relacionar com seu depoimento, também por e-mail, em que fala sobre como a arte contribuiu para a sua formação e prática docente:

“A introdução da arte como prática pedagógica através do curso de especialização contribuiu e, contribui muito para minha formação docente. Hoje, a arte é um recurso presente na minha prática docente e percebo que, também, de vários colegas. Vários módulos dos conteúdos que ministro envolvem a arte”.

Assim, o depoimento do professor/cursista , juntamente a outras análises feitas, nos apontam que a arte contribuiu para a mudança da prática pedagógica do professor/cursista que fez o depoimento..

Em relação à visita in loco da escultura do Amílcar de Castro, nas análises encontramos a arte relacionada à promoção do reconhecimento das diferenças e respeito à diversidade, da criação de um espaço de confiança para que as pessoas se expressassem e colocassem suas idéias com liberdade.

Um professor/cursista respondeu o seguinte quando perguntado e se havia algum detalhe que havia o marcado mais na obra do Amílcar de Castro:

“Sim. Aquela visita ao gigantesco monumento de aço do Amilcar de Castro na entrada do Campus. Passara centenas de vezes por ele sem o notar! Nessa visita entendi que material aparentemente simples pode carregar complexo significado se lhe dermos a devida atenção”.

Considerações Finais

Percebemos que ao introduzirmos a arte nos cursos de Especialização em Docência Universitária, proporcionamos o desenvolvimento de ambientes de formação em que as diferenças entre cada um eram promovidas e não excluídas. Assim, como os professores/cursistas se sentiram à vontade para se colocar, seus depoimentos se fizeram presentes nos encontros. Com a presença dos depoimentos, abriu-se um espaço para que a reflexão crítica e consciente pudesse ser realizada. Com isso novos significados puderam ser criados ampliando a visão de mundo dos envolvidos no processo.

Com relação aos depoimentos dos professores/cursistas, o fato deles poderem ser orais, escritos, visuais, musicais ou corporais, também favoreceu uma oportunidade maior de entendimento e leitura de mundo de cada um. Percebemos que a oportunidade de poder expressar em diferentes formas muitas vezes potencializou o diálogo e oportunidades para que as pessoas se colocassem e se sentissem mais livres para falar e expor suas idéias.

A inclusão da arte na formação dos professores foi importante também, porque equipou os professores/cursistas com ferramentas para questionar e desenhar seu mundo, sua realidade. Usamos metáforas e elas desempenharam o papel de dar significado à construção do mundo dos participantes do processo, dos aprendizes.

Nesse processo de aprendizagem, as ferramentas ou estratégias cognitivas envolvidas incluíram a imaginação como uma função que esquematiza e a metáfora, como uma extensão da imaginação. Assim, a metáfora desempenhou um papel de dar significado à construção do mundo dos professores/ cursistas aprendizes. A arte, com sua capacidade de potencializar a imaginação e através dela examinar as interpretações auxiliou os cursistas a refletirem e questionarem suas práticas pedagógicas.

Também observamos na nossa pesquisa que a arte é um elemento que favorece a transformação de sentidos e significados que damos ao que sabemos. Para que essas transformações aconteçam precisamos pensar criticamente, validar e agir nas nossas (e na dos outros) crenças, interpretações, valores, sentimentos e maneiras de pensar. Uma análise crítica dos conteúdos e do processo pode significar uma mudança na ação do educador. Chamamos essa aprendizagem de aprendizagem transformativa e a vimos presente nos professores/cursistas.

Voltamos novamente a atenção para o fato que a formação de professores universitários não se trata de uma simples aquisição de conhecimentos, mas de uma transformação da própria pessoa – no caso, do professor. O professor universitário precisa ter um espaço para que possa voltar-se para suas experiências e pesquisas, compartilhá-las, ouvir seus colegas, procurar conexões, colocar teoria e prática juntas e levar isso tudo de volta à sua sala de aula. Assim, essa transformação deverá transformar, também, sua prática pedagógica. Sem dúvida, a nossa análise mostrou que a arte é um grande aliado nesse processo.

Referências

AMARAL, Marcia Amira Freitas do. **O ensinar e o aprender através da arte**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006, 148p.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/educação contemporânea**. Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005

BRAGA, Patricia Colavitti. **Na estrada dos enigmas, leituras e linguagens-imagem e palavra em cena**. Tese de Doutorado. São paulo: Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2006, 300p.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Creativity, flow and the psychology of discovery and invention**. New York: Happer Collins, 1996.

COUTINHO, Gisele Cássia de Almeida. **Os significados e sentidos da arte na formação de professores**. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, 137p.

EFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, Ana Mãe (org). **Arte/educação contemporânea**. Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005, p. 318-345.

EISNER, Elliot W. **The Arts and the Creation of Mind**. Yale University Press/ New Haven & London, 2002.

EISNER, Elliot W. (2004, October 14). What can education learn from the arts about the practice of education? **International Journal of Education & the Arts**, 5(4). Disponível em <<http://ijea.asu.edu/v5n4/>>. Acesso em: 03/03/2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GARDNER, Howard. **Arte, mente e cérebro, uma abordagem cognitiva da criatividade**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HINE, Christine. **Virtual ethnography in International Symposium** “When science becomes culture”, Montreal, 10-13 abril, 1994. Disponível em: <<http://www.cirst.uqam.ca/PCST3/papers.htm>>. Acesso em 05/05/2007

MARTINS, Miriam Celeste; PISCOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino da arte, a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer arte**.FTD: São Paulo, 1998.

MASETTO, M (org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 2002.

MASETTO, M. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MEZIROW, Jack. **Transformative dimension of adult learning**. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

ORECK, Barry. Artistic choices: A study of teachers who use the arts in the classroom. **International Journal of Education & the Arts**, 7(8), 2006. Disponível em <<http://ijea.asu.edu/v7n8/>> . Acesso: 03/03/2007

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educadores na roda da dança**: formação - transformação. Tese de Doutorado. Campinas: Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Campinas, 2006, 250p.

PATTESON, Ann Kathleen. **Present moments, present lives**: Teacher transformation through art-making. Phd Queen's University at Kingston (Canada), 2005, 261 p.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos. **Cenários de educação através da arte**: bordando linguagens criativas na formação de educadores. Tese de Dotorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2006.

POLANYI, Michael. Polyani, M. **The tacit dimension**. London: Routledge and Kegan Paul, 1967.

POZZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e Mestres**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRATA-LINHARES, Martha M. **O sentido da arte na formação continuada de professores de ensino fundamental**: uma contribuição mágica. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 2003, 140p.

ROOT-BERNSTEIN, M., ROOT-BERNSTEIN, R.. **Sparks of Genius, the Thirteen Thinking Tools of the World's Most Creative People**. Houghton Mifflin Company: New York., 1999.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. LSão Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

SULLIVAN, E..**Aprendizagem transformadora**. São Paulo: Cortez, 2004

TARDIFF, Maurice, LESSARD Claude, GAUTHIER, Clermot. **Formação dos professores e contextos sociais- perspectivas internacionais**, Portugal: Porto, 2001.

UPITIS, Rena; SMITHRIMN, Katherine; PATTESON, Ann& MEBAN, Margaret. The Effects of an Enriched Elementary Arts Education Program on Teacher Development, Artist Practices, and Student Achievement. **International Journal of Education & The Arts (IJE)**, volume 2, number 8. 2001. Disponível em: <<http://www.ijea.org/v2n8/index.html>> . Acesso: 06/05/2007

UPITIS, Rena, SMITHRIM, Katharine . Sustainable teacher develop in and through the arts. **Faculty of Education, Queen's University**, Kingston, Ontario, Canada, 2002.

UPITIS, Rena; SMITHRIMN, Katherine; GARBDTI, Jordana; OGDEN, Holly Ogden. The Impact of Art-making in the University Workplace. **International Journal of Education & The Arts (IJE)**, volume 9, number 8. 2008. Disponível em <<http://www.ijea.org/v9n8/>> Acesso em 12/12/2008.

VALENTE, José Armando. Criando oportunidades de aprendizagens continuada ao longo da vida. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, ANO IV, número 15, nov. 2000/jan. 2001, p 09 - 12, 2001.